

JÚLIO DANTAS

OUTONO EM FLOR

COMÉDIA EM 3 ACTOS



1949

LELLO & IRMÃO
EDITORES

OUTONO EM FLOR

Comédia em 3 actos representada
pela primeira vez no Teatro
Nacional de D. Maria II em
Janeiro de 1949.

JÚLIO DANTAS

OUTONO EM FLOR

COMÉDIA EM 3 ACTOS



1949

LIVRARIA LELLO & IRMÃO, EDITORES
144, Rua das Carmelitas—PORTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

PERSONAGENS:

VISCONDE
GENERAL
D. JOÃO
O MINISTRO
O MORDOMO
O MAESTRO
TOMÉ
OUTRO CRIADO

BARONESA
MARIA LUÍSA
CARLOTA
MARIA INÁCIA
ANGÉLICA
GENOVEVA
M.^{me} LEVAILLANT
MARIANA

A acção passa-se em Lisboa, no meado
do século XIX.

ACTO I

Sala de estar, no rés-do-chão de uma casa apalaçada de Lisboa. Meados do século XIX. A E., galeria envidraçada dando acesso à alameda de tilias do jardim. Sol de Outono; as folhas cáem. Porta ao F.: adivinham-se, na penumbra, um contador italiano e um velho relógio inglês. Portas à E. baixa (escada que conduz ao andar nobre) e à D. alta e baixa. Predomina na sala o mobiliário Império, mogno e bronze. Mesas. Tamborettes. Na parede da D., tremó, cujo espelho lampeja: sobre a pedra, dois candelabros de prata, num dos quais tremem dois lumes acesos, para os fumadores. A meio da sala, largo canapé Império e dois cadeirões de palha doirada sobre cujos cozins, de um tom quente de rosa velho, possam destacar-se os vestidos das duas mulheres elegantes que figuram neste acto: um, todo preto; outro, todo branco.

CENA I

MORDOMO, TOMÉ

MORDOMO, *entrando, pela E. baixa:*

Tomé! (*O escudeiro TOMÉ, que cabeceava com sono num banco da antecâmara entra pela porta do F.*) Manda pôr a carruagem. O senhor Visconde sai daqui a um quarto de hora.

TOMÉ

Com a menina?

MORDOMO

Com a menina. Não é preciso criado de tábua.

TOMÉ *sai pelo F.* O MORDOMO *espevita os dois lumes acesos do candelabro e vai abrir as portas da galeria envidraçada.*

TOMÉ, *entrando, de novo, pela porta do F.:*

Chegou o senhor Conde de Tojal.

MORDOMO

Sua Excelência o Ministro?

O MORDOMO e TOMÉ *saem.*

CENA II

OS MESMOS, o MINISTRO, *depois* o VISCONDE

MINISTRO, *entrando, seguido de TOMÉ, e entregando o chapéu Murillo ao MORDOMO, que se curva, junto da porta, à sua passagem:*

O senhor Visconde já almoçou?

MORDOMO

Já, sim, Excelência. Está a vestir-se para sair. Eu vou anunciar.

MINISTRO

Não. Não vá. Espero que o senhor Visconde se vista.

VISCONDE, *entrando pela E. baixa, com um livro na mão, e dirigindo-se ao MINISTRO:*

Oh, meu caro Tojal! A que devo a honra de o ver nesta casa?

MINISTRO

Não é apenas o amigo que o visita hoje. É também o ministro.

VISCONDE

Podemos passar ao salão. Quero recebê-lo com as devidas honras.

MINISTRO

Sem cerimónia. Estamos aqui muito bem. Respira-se o perfume do seu jardim.

VISCONDE

Como quiser.

O MINISTRO *senta-se no canapé. O VISCONDE, num dos fauteuils. O MORDOMO sai pelo F. e TOMÉ pelo jardim.*

MINISTRO

Venho desempenhar-me de uma missão do Governo e, em particular, do nosso presidente, o nobre Conde de Tomar. Essa missão é sumamente grata a sua Majestade a Rainha, e não pode ser mais agradável para mim. O Governo oferece-lhe a Legação de Viena de Áustria, certo de que o meu caro Visconde servirá o País em Viena com a mesma distinção com que acabou de o servir em Londres.

VISCONDE

Muito agradecido.

MINISTRO

Viena é um excelente posto de observação. Trata-se de uma enviatura que exige tacto especial, mormente no estado de excitação em que

a Europa se encontra. A abdicação do Imperador, o exílio do Príncipe de Metternich, a fuga de Sua Santidade para Gaeta, os acontecimentos de Paris, a revolução em Espanha são factos recentes que aconselham o Governo a escolher para o posto de Viena pessoa de grande experiência e sagacidade. Quem, senão o meu caro Visconde?

VISCONDE

As suas palavras são a salva de prata em que o Governo me manda um mau presente.

MINISTRO

Como assim?

VISCONDE

Lembra-se do que disse na Câmara o António da Cunha Soto Maior? O nosso representante em Londres ganha menos do que o primeiro cozinheiro da Rainha Vitória. E o representante em Viena menos, talvez, do que o criado de quarto de Metternich. A diplomacia é a arte de empobrecer com elegância, meu caro Tojal.

MINISTRO

O Governo não ignora, meu nobre amigo, de quanto são capazes a sua abnegação e o seu desinteresse.

VISCONDE

Vou pensar. — Sabe que eu conheci Metternich, quando ele chegou exilado a Londres? Vi-o atravessar, como uma sombra, a galeria de espelhos de Buckingham Palace. Tive pena dele. É assim que os povos pagam o desinteresse de quem os serve. O que admira é que haja cada vez mais quem queira servi-los.

MINISTRO

A ingratidão dos povos, meu excelente amigo! Nós sabemos o que ela é. Experimentámos ambos o pão do exílio.

VISCONDE

O champanhe do exílio...

MINISTRO

E as mulheres do exílio. (*Riem-se*) Enfim, eu tenho esperança de que o meu caro Visconde aceite o convite do Governo. Se a não tivesse, não viria em pessoa convidá-lo.

VISCONDE

Lamento não poder responder-lhe já. Tenho de consultar minha sobrinha.

MINISTRO

A menina?

VISCONDE

Sim, para nós há-de ser sempre a menina. Mas o tempo passa. Está uma senhora. Se a vir agora não a conhece. Foi o meu braço direito na Legação de Londres.

MINISTRO

Espero que o será também na de Viena de Áustria.

VISCONDE

Talvez. Se a Maria Luísa não puder acompanhar-me, não vou. Para os sentimentais, como eu, não há apenas razões de Estado. Há também razões de família. A minha única família é ela.

MINISTRO

Mas porque não há-de sua sobrinha acompanhá-lo?

CENA III

VISCONDE, o MINISTRO, GENOVEVA

GENOVEVA, *entrando pela D. baixa, com a sua touca holandesa e a sua saia rodada, pouco mais de quarenta anos, risonha, dis-*

creta, saltitante, e estacando ao encontrar visitas na sala:

Queiram desculpar.

VISCONDE

Entre, ama. O senhor Ministro dá licença.

GENOVEVA

Criada de Vossa Excelência. A menina manda perguntar se, para a Nunciatura, deve levar vestido preto ou vestido de cor.

VISCONDE

Não sei. (Ao MINISTRO) É o dia do jubileu sacerdotal de Sua Santidade. Que lhe parece, meu caro Conde? Preto, ou de cor?

MINISTRO

Ponto delicado, na verdade. Eu penso que, neste caso particular, o vestido não deve ser, nem preto, nem de cor. Não deve ser preto, porque se trata de um jubileu. Não deve ser de cor, porque se trata da Nunciatura.

VISCONDE

Então, como há-de ele ser, meu caro Tojal?

MINISTRO

Branco.

VISCONDE

Muito bem. Não me tinha ocorrido. Branco, Genoveva.

GENOVEVA

Branco, meu Senhor. — E jóias?

VISCONDE, ao MINISTRO:

Jóias?

MINISTRO

Jóias, é claro.

VISCONDE, à AMA.

Jóias, Genoveva.

GENOVEVA

Jóias, meu Senhor. (*Numa vénia*) Com sua licença.

Sai pela D. baixa.

CENA IV

VISCONDE, o MINISTRO, MORDOMO, TOMÉ

MINISTRO

Se vão para a Nunciatura, já não têm muito tempo. Monsenhor Capaccini ficou de estar às duas horas no Paço. E eu também,

para o receber com Suas Majestades. (*Levantando-se*) Quando me poderá dar a resposta, meu caro Visconde?

VISCONDE

Amanhã. Irei eu próprio levar-lha ao Ministério.

MINISTRO

Não. Se me permite, venho eu buscá-la.

VISCONDE

De modo nenhum.

MINISTRO

Passo todos os dias por aqui quando vou para a Secretaria de Estado. Terei então a oportunidade de beijar as mãos de sua sobrinha. Diga-lhe que espero bom despacho.

VISCONDE

Vou acompanhá-lo à carruagem, meu caro Ministro.

MINISTRO

Não se moleste. (*Vendo entrar o MORDOMO seguido de TOMÉ, que traz uma bandeja conventual de doce de ovos*) O seu mordomo vem comigo.

MORDOMO, *ao* VISCONDE

Uma capela de ovos reais, que mandaram das Francezinhas.

MINISTRO, *curvando-se, ao passar pelo doce:*

Quando vejo uma bandeja de doce de ovos, cumprimento sempre.

VISCONDE

Mimos da minha irmã freira. Serve-se, meu caro Conde?

MINISTRO

Muito obrigado. Os médicos proibiram-me todas as coisas indigestas, — menos a política.

Sai, com o VISCONDE *e o* MORDOMO.

CENA V

TOMÉ, *um momento sôzinho; depois,* VISCONDE
e MORDOMO

TOMÉ *coloca a bandeja sobre uma das mesas e, precipitadamente, sôfregamente, enche a boca de doce. Daí a pouco regressam o* VISCONDE *e o* MORDOMO,

VISCONDE, a TOMÉ

Veio alguma carta, com o doce? (TOMÉ, com a boca cheia, não responde) Não sabes falar? (Silêncio aflitivo de TOMÉ) Estes criados emudecem todos quando vem doce do convento. (Ao MORDOMO, que olha, reprecensivo, o escudeiro) Deixa-o lá. Eu, se fosse criado, fazia o mesmo. (A TOMÉ) Quando acabares de comer, dize à Genoveva que a menina Maria Luísa não pode demorar-se. O senhor Núncio vai às duas horas ao Paço.

TOMÉ sai. O VISCONDE vai buscar o livro, que, durante a conversa com o MINISTRO, deixara sobre o tremó, e senta-se num dos fauteuils, a ler. O MORDOMO aproxima-se, misterioso e circunspecto.

MORDOMO

Peço licença para lembrar a Vossa Excelência que estamos a 12 de Outubro.

VISCONDE

E então?

MORDOMO

Faz hoje anos a senhora D. Carlota, minha Senhora.

VISCONDE

Hoje?

MORDOMO

Vossa Excelência costuma jantar com as senhoras e mandar-lhes flores quando elas fazem anos. Pareceu-me que desta vez se tinha esquecido.

VISCONDE

Obrigado, Pedro. Mas não será a senhora D. Angélica que faz anos em Outubro?

MORDOMO

A senhora D. Angélica, minha Senhora, faz anos a 4 de Maio.

VISCONDE

Está bem. Tu não és só o meu mordomo, Pedro. És o meu calendário. Arranja-me um cesto de violetas italianas, grande, fresco, para lhe mandar.

MORDOMO

Perdão. A senhora D. Carlota só gosta de rosas. Violetas são para a senhora D. Maria Inácia. E, lírios, para a senhora D. Angélica.

VISCONDE

Sabes mais da minha vida, do que eu. Bem. Levo-lhe rosas. Faço-lhe a surpresa de a visitar mais cedo, ofereço-lhe uma jóia, balbucio uma desculpa, e venho para casa jantar.